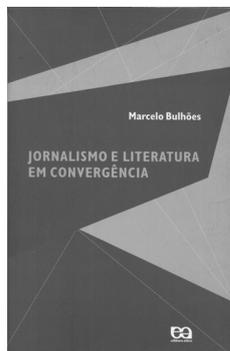


Resenhas

Quando o Jornalismo e a literatura se encontram

Cláudio Rodrigues Coração*



BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura e convergência**. São Paulo: Ática, 2007. 215 p.

Uma das premissas básicas em torno da separabilidade técnica entre Jornalismo e literatura é o atributo da representação da realidade. Se, na atividade jornalística, o fato é estendido a um conceito de inteligibilidade do “acontecimento real”, na criação literária, o ethos de uma verificação plausível de mundo se transmuta em diversos componentes estilísticos.

Nota-se, pois, que tais entidades parecem se configurar em uma espécie de descompasso ou de distinção. Nesse contexto, é muito salutar verificar as convergências entre Jornalismo e literatura preconizadas por Marcelo Bulhões em *Jornalismo e Literatura em Convergência*. A obra é dividida em blocos temáticos, nos quais a idéia de junções e de experiências textuais adquire valor paradigmático e modelar.

Investigando a nuance principal no debate acerca da junção (ou da separação) lógica entre duas práticas, aparentemente antagônicas, Bulhões reflete, já no início do livro, sobre certa incompatibilidade de “gênios”. Assim, desenvolve a idéia de que a “experiência estética” literária se coaduna à sua própria práxis, à sua configuração de *literariedade*, enquanto que no Jornalismo a

* Mestrando em Comunicação Midiática – UNESP/Bauru.

representação da realidade se pauta por uma especificidade referencial, corriqueira.

Ao ratificar, portanto, o Jornalismo fincado numa esfera de veracidade e, de outro lado, a literatura envolta em um cadinho representacional mais amplo, Bulhões dissecou dois padrões jornalísticos que permeiam a produção periodística brasileira: o Jornalismo norte-americano e o francês. Se o primeiro modelo permitiu um avanço dos níveis de profissionalização e técnica jornalísticas, o segundo evidenciou uma postura que, já no seu cerne, evidenciava aproximações e convergências com o literário. Desse modo, Bulhões identifica na historicidade dos gêneros (literários e jornalísticos) a antevisão das configurações e apropriações de condutas e estilos. Nesse sentido, o advento do *folhetim* francês exercerá forte influência estética no Jornalismo brasileiro, assim como se transmutará em um gênero híbrido que, para Bulhões, permitirá a livre associação entre a práxis jornalística e o labor literário, por mais desprezado que esse gênero seja: a crônica. Bulhões resume: “O cronista pode, então, ser visto como alguém que, por estar do lado de fora do tumulto da captação noticiosa, solitariamente vê o que ninguém viu” (BULHÕES, 2007, p.57).

Jornalismo e Literatura em convergência esclarece, evidentemente, que o Jornalismo se afinca expansivamente como técnica e como sustentáculo por meio da reportagem. Outra vez, portanto, a questão do gênero se mostra presente. Partindo da premissa de que a reportagem é a mola mestra narrativa do Jornalismo, Bulhões resgata no naturalismo do século XIX uma espécie de matriz narrativa que orientará um discurso muito envolto na reportagem contemporânea, ou seja, a documentalidade interior dos acontecimentos. Para o autor, o naturalismo-realismo de Emile Zola desempenha um atributo de ação e investigação próprias, poder-se-ia dizer, da reportagem jornalística. Desse modo, Bulhões antevê, no naturalismo de Zola, fenômenos vindouros como o *New journalism* norte-americano do século XX:

A aproximação entre o naturalismo e o jornal se estende com o resgate da *Questão Capistrano*, evento factual que desencadeia a confecção da trama realista-naturalista *Casa de Pensão* (1883), do escritor-jornalista naturalista Aluísio Azevedo. Ao evidenciar o

paradigma do realismo-naturalismo na convergência com os ditames jornalísticos, coloca-se uma discussão que permeará, sem saídas dogmáticas, é bom que se diga, uma polarização emblemática que envolve o Jornalismo e a literatura: a factualidade versus a ficção.

Nota-se no desenrolar dos capítulos que a apreensão corrosiva do real adquire status de entrega aproximativa na junção do Jornalismo com a literatura. Acima das questões dos gêneros (jornalísticos e literários) e da difícil resolução da dualidade entre fato e ficção, a intromissão social ou a o adentramento às esferas recônditas ou esquecidas da sociedade funcionam como práticas textuais focalizadoras da sociedade brasileira em constante mutação. É a partir desse raciocínio que Bulhões recupera as transformações da modernidade no Brasil, localiza a *belle époque* como ingrediente das mudanças nos grandes centros urbanos. Assim, a idéia de um jornalista andarilho e contemplativo se materializa, em plena consonância com os avanços e as idiossincrasias de um tempo novo, arrebatador, de visões cada vez mais embaçadas, mais fugazes. O autor identifica, pois, a *flanerie* do repórter-cronista João do Rio (Paulo Barreto) como um jornalista apreensivo ao nível da rua; resgata as narrativas de mistério de um Benjamin Costallat; evidencia a “descida” aos infernos urbanos, a imersão ao desconhecido, à noite, ao indevassável, em Sylvio Floreal (Domingos Alexandre). Bulhões diz que tais jornalistas-escritores estão, em essência, condicionados ao atributo da ficção literária e, ao mesmo tempo, são precursores de estilos jornalísticos que ganharão força nos anos subseqüentes (o Jornalismo policial, a notícia espetacularizada, o drama sensacionalista, o sincretismo de linguagens). Porém, deixa claro que a imersão realizada pelos *repórteres da modernidade e do submundo* reforçam um matiz prescritivo essencial, isto é, a prática de reportagem investigativa como ideário expansivo-otimizador do Jornalismo contemporâneo.

Partindo do fenômeno editorial dos anos 1970 – o *romance-reportagem*, sobretudo – Bulhões tece um painel lógico em que autores, aparentemente díspares, como José Louzeiro, Caco Barcellos e João Antônio convivem harmoniosamente no entendimento do que passa a ser uma nova narrativa, emoldurada, sobremaneira, pelos elos entre fato e ficção, tradição esta mantida e,

por conseqüência, explicada em *Jornalismo e Literatura em convergência*. O professor sustenta que:

Os laços entre a factualidade e ficcionalidade também estão na base de certa tendência editorial recente, em narrativas que dão um flagrante de nossa marginalidade social, percorrendo as vielas da extrema pobreza e violência, às vezes (BULHÕES, 2007, p.175).

Nesse contexto, não há como separar as obras de Louzeiro, Paulo Lins, Patrícia Melo, Zuenir Ventura, Ivan Ângelo, Antonio Callado e João Antônio dentro de certo *espírito*. Em João Antônio, mais que os outros, a evidência de uma escrita atrelada intimamente com a “escória” representará, para Bulhões, o liame de um Jornalismo expandido, corrosivo; de certa maneira, sintetizado com as práticas e convergências da literatura realista.

Evidencia-se, portanto, um apelo a um Jornalismo que não siga os códigos amenos de uma apreensão realista inodora e torpe, afincados unicamente pelo efeito da objetividade. Ao contrário, com *Jornalismo e Literatura em convergência*, insinua-se uma busca por paradigmas erráticos e pulsantes da identificação da “seiva da realidade” que nos instauram, nos incomodam, nos atingem. Com a localização das convergências – nos seus registros históricos e contextuais – bem como a identificação de autores como Emile Zola, Eça de Queiroz, Lima Barreto, João do Rio, Nelson Rodrigues, Joel Silveira, Tom Wolfe, José Louzeiro, João Antônio o livro mostra a importância essencial da radiografia de uma sociedade cada vez mais multifacetada, heterogênea, abrupta, fugidia. Ao demarcar as raízes dos encontros e dos desencontros entre Jornalismo e literatura, Bulhões proclama um sopro de vivência textual ao propor um repertório tão diverso de modelos e referências, seja para os pesquisadores da Comunicação Social, seja para os estudiosos das Letras. Outra convergência fundamental, enfim.